



# Newart

*Só a arte transforma*



Conheça mais sobre a cultura  
de São Paulo



# Editorial

Por meio de uma percepção cultural buscamos mostrar a arte na cidade de São Paulo em uma visão contemporânea sobre exposições, monumentos e opiniões públicas.

Transparecemos como em obras materiais podemos encontrar amor e sentimento, significados atemporais além do comum. Por meio delas, conseguimos entender as histórias e contextos sociais de cada época que nunca teríamos acesso de outra forma.

Procuramos também dar sentido a toda forma de expressão musical e artística. Entendemos que o mundo é movido por manifestações humanas e seus jeitos de revelar a verdade por trás de cada pessoa.

“Só a arte é útil. Crenças, exércitos, impérios, atitudes - tudo isso passa. Só a arte fica, por isso só a arte se vê, porque dura.”  
- Fernando Pessoa



# Sumário

## Como a música move o mundo

Entenda como a música é importante em nosso cotidiano, para o lazer e também como tratamento terapêutico.

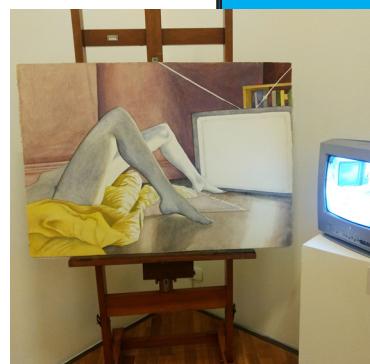
04



## O feminismo latino-americano como você nunca viu

Saiba como uma pesquisa influenciou o feminismo latino-americano que vivenciamos atualmente.

06



## A arte de fazer teatro hoje em dia

O depoimento de artistas que sobrevivem dessa arte em uma visão crítica e social sobre o teatro na contemporaneidade.

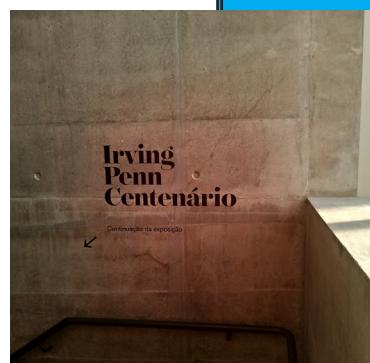
10



## Exposição Irving Penn chega ao IMS

A exposição do fotógrafo Irving Penn no Instituto Moreira Salles traz uma coletânea de seu diferenciado trabalho no ramo.

12



Todos os créditos de reportagens, fotografias e diagramações para:  
Bárbara Blanco e João Francisco Freitas.

Editor-chefe: Adélio Brito

03



# Como a música

Você já se pegou pensando em como uma música parece se encaixar perfeitamente na sua vida? E já sentiu aquela emoção ao ouvir uma melodia? A música é capaz de nos tocar e nos curar de formas nunca alcançadas antes. Mas afinal, por que ela gera tanta apego com o que na teoria seria apenas uma junção de repetições de sons?

Quando ouvimos canções que gostamos, o cérebro produz dopamina, que está ligada diretamente à sensação de prazer, por isso é algo que traz tanta alegria. Só no ato de ouvir-la, várias partes do cérebro são simultaneamente ativadas. Já ao tocar um instrumento, para o cérebro, essa ação é equivalente a uma atividade física completa.

Por isso, a equipe entrevis-tou duas pessoas que não só amam a música, mas como também a tem em sua vida profissional, para buscar entender melhor esse poder que ela detém. Bianca Malfatti (23), criadora de conteúdo no YouTube, possui um canal de covers com mais de 36 mil inscritos e Junior Vidal (25), criador das contas de Instagram chamadas Que Músicão (@quemusicao) e

Eu Amo Forró das Antigas (@euamoforrodasantigas) que somam mais de 445 mil segui-dores.

Bianca conta que embora a música sempre se tenha feito presente em sua vida, ela teve um significado maior ao ganhar seu primeiro violão aos 15 anos. “A música está intrinsecamente ligada a mim, hoje não me vejo sem ela. De maneira geral, ela é meu ponto de encontro. Gera um bem-estar, representa uma visão de um outro mundo e se faz presente como uma trilha sonora do meu dia a dia”, afirma a jovem.

Além de servir para entretenimento, as canções inclusi-ve já se provaram eficientes no quesito medicinal. Para tra-balhar especificamente com os benefícios trazidos por ela, foi criada a musicoterapia, que usa os conhecimentos da anatoma, fisiologia e psicologia do ser humano além das pro-priedades do som com o intuito de curar ou tratar condições fí-sicas e psicológicas. Desta for-ma, ela melhora a qualidade de vida, facilita a comunicação e auxilia no estresse e ao aliviar dores crônicas.

Esta técnica já se provou bas-tante produtiva uma vez que



# move o mundo



mostrou resultados em doenças como: o Alzheimer ao estimular as memórias; doenças coronarianas ao regular os batimentos cardíacos; Parkinson ao auxiliar nas atividades motoras; transtornos de hiperatividade, atenção e epilepsia ao ajudar na concentração.

A musicoterapia também foca em problemas sociais, já que “a música tem o poder despertar o senso crítico e estimular o questionamento”, como diz Bianca. Junior Vidal fala sobre isso: “A música é um mundo que você encontra infinidade de histórias e situações. Utilizando ela como ferramenta você consegue extrair o que há de melhor e ajudar a combater problemas.”

Junior teve essa arte manifestada desde criança em sua vida e ao sentir necessidade de compartilhar sobre ela, criou a conta no Instagram. Ele diz que percebe como isso influencia no humor e nos comportamentos do outro. “Você vê pessoas chorando, pulando de alegria, se emocionando por lembrar de algo ou alguém escutando músicas. A maioria das pessoas que tem um carinho ou afeto por alguma melodia, com certeza tem alguma

história por trás. Uma canção muitas vezes retrata a história de vida das pessoas”, conta o rapaz.

Existem hoje vários projetos e práticas musicais inclusivas que visam principalmente as crianças. No Brasil essa arte pode ser uma ferramenta para solucionar problemáticas de todos os tipos, especialmente no quesito social que é tão desigual no país, além de poder ser uma saída e forma de crítica às inúmeras dificuldades enfrentadas.

Alguns desses maiores projetos visam educar as crianças das periferias, a arte seria uma grande chance para armá-las com conhecimento e talvez dá-las uma chance. Temos diversos exemplos de atividades, como corais, orquestras e a teoria musical, todas buscando ensinar esses jovens algo que nunca aprenderiam em escolas públicas.

A música é, acima de tudo, uma forma de se expressar e denunciar qualquer injustiça, dessa forma, como Junior disse: “A arte nasceu da crítica e a música é arte. Qualquer tipo de situação vivida pelo ser humano, a música terá um apelo crítico”.



# FEMINISMO LATINO-AMERICANO

## COMO VOCÊ NUNCA VIU



# Pesquisa que aborda a arte feminina vira exposição e chega a São Paulo

Dia 18 de agosto deste ano, chegou a Pinacoteca de São Paulo a exposição Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985, que traz todos os tipos de artes produzidos por mulheres latinas ao longo desses 25 anos.

A exibição foi criada pela venezuelana Cecilia Fajardo-Hill e a argentina Andrea Giunto, com o intuito de valorizar as obras femininas que até aquele momento não tinham tido o seu devido reconhecimento em nosso continente. Por aproximadamente 8 anos as duas reuniram e conheceram a história e as peças que hoje estão no catálogo.

Esse mapeamento feito pelas curadoras foi a primeira pesquisa que deu visibilidade para o tema, só comprovando o argumento delas de que embora essas artistas sejam de extrema importância para a expansão dessa iniciativa, o sistema ainda é dominado pelo patriarcado, o que dificulta muito o trabalho fenomenal das mulheres que buscam mudar esse cenário.

A exposição conta com 15 países participantes que juntaram cerca de 120 artistas. O catálogo possui mais de 280 obras expos-

tas em vários núcleos com temas distintos, como por exemplo Feminismos, O poder das palavras e Resistência e medo, possuindo desde mídias audiovisuais, até pinturas e esculturas em gesso.

Diversos temas considerados tabus são abordados em tentativas de desmistificá-los, como por exemplo os pelos, a menstruação e o corpo feminino em geral. Além de romper com a imagem padronizada do homem e da mulher, usaram das obras como uma forma de denúncia diante da violência social, cultural e política vivida na época. Fotografias que simulavam um estupro de uma mulher ilustram isso e chocam o público.

Originalmente organizada pelo Hammer Museum em Los Angeles, o Brasil foi o único país latino que pôde receber a exposição, porque além de as peças serem extremamente frágeis, também têm um custo bem alto, que só foi possível ser pago graças a ajuda das "Mulheres Extraordinárias". Elas são 30 mulheres admiráveis que possuem o espírito da exposição e abraçaram a causa para que ela fosse viabilizada aqui.

A apresentação procura



Foto da obra Grupo de Família, Graciela Gutiérrez.

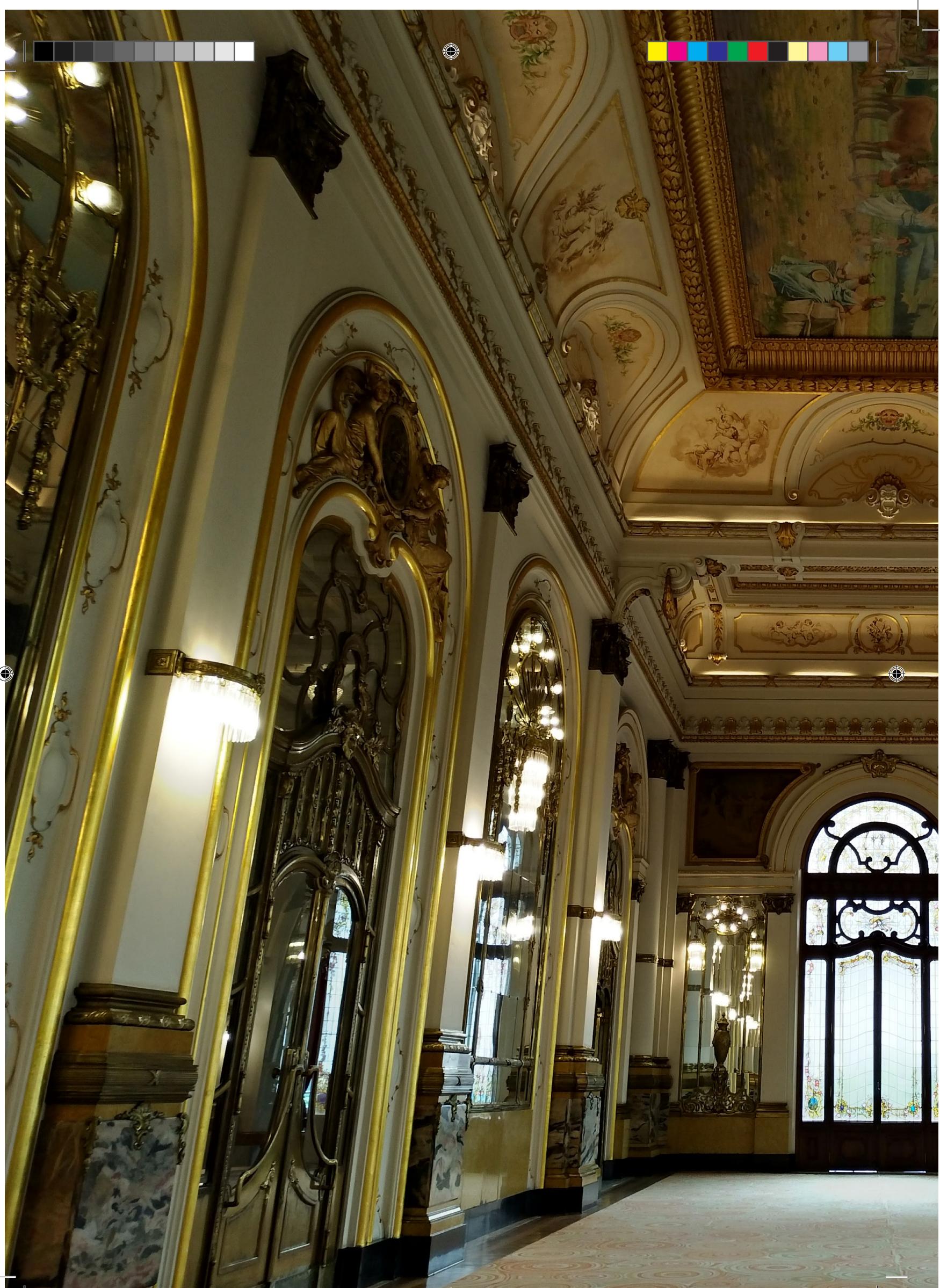
ir além de questionar o papel da mulher na sociedade e o corpo feminino, traz também como a mulher mudou o rumo de diversas histórias. Graciela Gutiérrez, por exemplo, que durante a ditadura argentina enviou postais para artistas de todo o mundo com as palavras "Grupo Familiar" para fazer alusão às mulheres que perderam seus filhos nesse período.

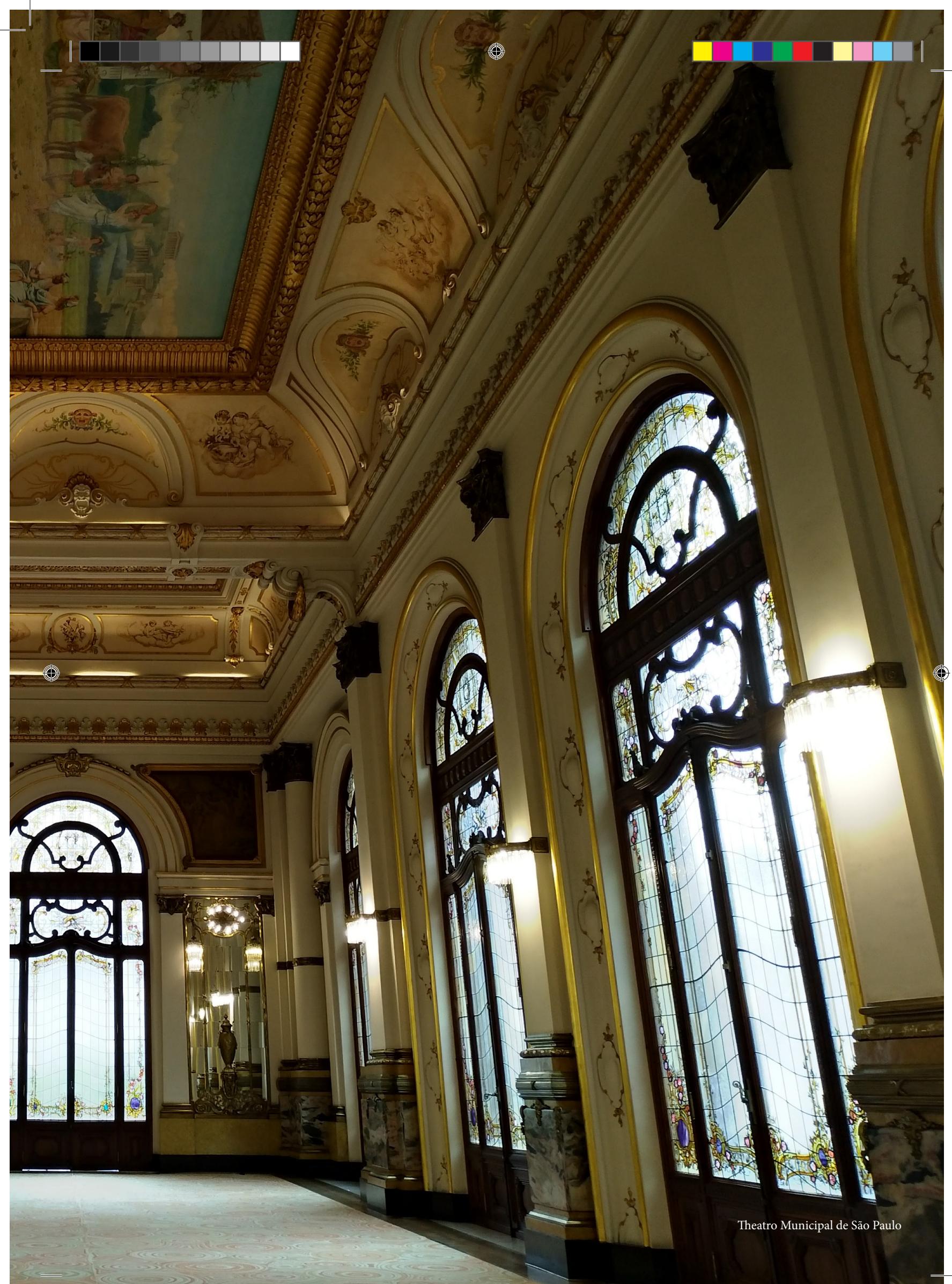
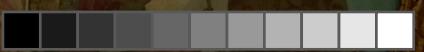
Um último recurso usado para demonstrar a desigualdade foi uma linha do tempo de todos os países latinos usando por marco inicial a conquista do direito de votar das mulheres que aconteceu no Brasil em 1932. A partir desse marco são listados diversos acontecimentos que interferiram, principalmente, na vida feminina.

A exposição ficará aberta para visitação até dia 19 de novembro de 2018, de quarta a segunda-feira, das 10h00 às 17h30 com permanência até às 18h00 na Pinacoteca SP - Praça da Luz 2, São Paulo.



Foto da obra Arqueologia do desejo (colo e ventre), Nelly Guttmacher.





Theatro Municipal de São Paulo



# A ARTE D TEATRO H



Com a crise vivida no Brasil, o país, que antes já não investia o suficiente, parece cada vez desvalorizar mais sua própria arte, especialmente quando o assunto é teatro independente. Embora seja um país rico em diversas culturas, não promove muitas ações em favor de seu lado artístico, o que se torna evidente em seus percentuais feitos na pesquisa nacional em 2007 e refeita posteriormente em 2015 pela Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro (Fecomércio-RJ) em parceria com o Instituto Ipsos.

Apesar de os números terem crescido nesses oito anos, eles ainda são muito pequenos em comparação a outros países. Esse aumento se deve muito ao avanço tecnológico, que ao contrário do imaginado, levou mais informações sobre essa arte para todos, ou seja, trouxe mais visibilidade e, consequentemente, mais público. Enquanto em 2007 a porcentagem de pessoas que já teriam ido ao teatro era de 6%, em 2015 esse número passou para 12%.

Na contemporaneidade, o teatro já se mostrou válido tanto economicamente, quanto pedagogicamente, principalmente para a formação de crianças. Ele é, mais do que qualquer coisa, uma forma de desenvolvimento pessoal e social e por essa sua força, ele ganhou inclusive um cunho político e ativista.

Como qualquer outra arte, o teatro existe a base do amor. Isso é muito visível pelo discurso dos atores que o tem como profissão. Por isso, entrevistamos três atores da Cia Mungunzá de Teatro e uma atriz do Teatro Lusco-Fusco.

Carolina Silveira (22) expôs para nós um pouco da sua história no teatro e o que mais se destaca é sua completa paixão ao falar com a equipe. Além de atriz, ela é também educadora e conta como essa é uma ferramenta de mudança e aprendizado constante: “Eu vejo crianças que por meio do teatro aprenderam a respeitar o outro, abriram seus olhos para racismo, machismo, homofobia. Ele te muda enquanto ser humano. Ao fazer teatro, precisamos tentar entender os motivos de cada personagem sem nunca julgá-lo, com esse exercício, acabamos criando muita empatia pelo outro.”

A reportagem foi assistir à peça “Era uma Era” da Cia Mungunzá de Teatro e é possível perceber o quanto eles engajam os problemas sociais nas suas peças, como uma alerta ou conscientização do público, segundo eles, isso é uma peça-chave na hora de fazer teatro.

Após assistir, falamos com Marcos Felipe (35), Lucas Mendes Beda (32) e Pedro Augusto de Oliveira (31) e para um melhor esclarecimento e fidelidade, agora acompanhem as respostas dos quatro atores entrevistados.

## Qual a representação do teatro para você?

Pedro: “A arte está no campo de expressão. É onde eu realmente consigo me expressar e tentar fazer algo para mudar a sociedade.”

Carolina: “Muito amor e afeto. O teatro é muito



Foto da peça “Era Uma Era” da Cia Mungunzá de Teatro em São Paulo.



# TE DE FAZER O HOJE EM DIA

acolhedor. Ele é sempre muito coletivo. Eu sempre tive muito medo de me sentir sozinha, o teatro abandona esse meu medo.”

## Quais as maiores dificuldades dessa carreira?

Marcos: “Estamos em um país periférico, que não entende o valor cultural como um bem para o futuro, sendo assim, as dificuldades sempre permanecerão. O teatro além de um manifesto como arte, é também um lugar de resistência contra essas dificuldades.”

Pedro: “Você mata um leão por dia, vai passando dificuldade sempre, tanto de fazer a coisa acontecer, quanto de perspectiva também. O presidente que entrou não dará praticamente apoio nenhum para essa arte. Quer maior dificuldade que essa?”

## Os avanços tecnológicos interferem no teatro?

Lucas: “Hoje temos possibilidade da introdução da tecnologia nos espetáculos, a tecnologia por meio da arte. Ela sempre foi uma pioneira porque reinventou o campo da tecnologia. Ela está sempre interagindo com a tecnologia.”

Carolina: “O teatro sobreviveu, sobrevive e sobreviverá. As duas coisas não precisam ser inimigas, elas podem usar uma da outra. O gosto pelo teatro passa por cima de tudo isso.”

## Existe algum incentivo do governo para que a população frequente esse tipo de arte?

Lucas: “Muito poucos. Falta também incentivo no campo da educação para que as pessoas entendam a arte como o uso do dia a dia. Temos que ter um incentivo para a criação de público, para que se entenda a necessidade da arte e da cultura na formação do indivíduo.”

Pedro: “Existe, só que as políticas públicas direcionadas a arte são cada vez mais escassas. O governo se coloca como um estado mínimo e não encara mais a arte como economia e sim como apenas uma forma de entretenimento.”

## Trabalhando exclusivamente como ator, você consegue se sustentar?

Carolina: “Eu não. Tem gente que sim, mas a maioria tem outro emprego na área. Apesar de ser difícil, enquanto você não largar todo o resto para isso, você nunca vai viver de arte.”

Marcos: “Me mantendo com isso, mas sei que o faço pois estou em um lugar de privilégio e por isso entende-se tudo, a cor da minha pele, sou branco; os privilégios que eu tive para estudar; minha heteronormatividade.”

## O teatro mudou sua vida?

Lucas: “O teatro mudou minha vida, pensamentos, a maneira de olhar o outro, de entender desse questões políticas e estéticas. Me ajuda muito a ser um cidadão, um indivíduo de mente aberta”

Carolina: “Muito. Foi quando eu comecei a ter que me entender. Em cada momento no teatro nós somos expostos a coisas em nós mesmos que muitas vezes não estamos preparados para encarar, então, eu realmente comecei a me conhecer com o teatro.”

## O teatro é visto também como um crítica social?

Lucas: “A arte não necessariamente nasceu de uma crítica social, mas quando a gente entendeu a capacidade que ela pode gerar no outro, isso tornou uma guerra. Os artistas sempre tiveram um lado ativistas. O teatro luta contra essa cultura hegemônica e busca o entendimento do outro.”

Pedro: “Se ele não for uma crítica social, torna-se um teatro vazio. Se a arte não contestar as coisas que estão acontecendo na sociedade, não vão ter outros espaços para fazer isso. A gente aqui faz um ‘arteivismo’, somos ativistas da arte, nosso teatro tem um cunho social e político bem forte.”



# CELEBRAÇÃO DO CENTENÁRIO DE IRVING PENN VIRA EXPOSIÇÃO NO IMS

Exposição originada no MET chega ao Brasil no IMS Paulista





Bárbara Blanco e João Franciso Freitas



Entrada da exposição Irving Penn Centenário no IMS Paulista.

Instituto Moreira Salles (IMS) celebra os 100 anos do nascimento do renomado fotógrafo Irving Penn com exposição que comporta mais de 230 de suas maiores obras. Foi organizada pelo The Metropolitan Museum of Art (MET) em conjunto com a Fundação Irving Penn em 2017 e veio para o Brasil esse ano, quando abriu para exibição dia 21 de agosto.

Com a curadoria de Jeff L. Rosenheim e Maria Morris Hambourg, a exposição contém 12 setores, cada um com um dos temas fotografados por Penn. A coletânea comemorativa buscava homenagear a genialidade do autor.

Irving Penn (16.06.1917 - 07.10.2009) começou a fotografar muito cedo, logo após o fim da época de escola ele já tirava fotos amadoras e em 1938 comprou sua primeira câmera. Em 1940, se tornou diretor de arte da Saks Fifth, mas só ficou conhecido por seus trabalhos quando começou a trabalhar como fotógrafo na revista de moda Vogue em 1943, lugar onde consagrou seu nome e trabalhou por 66 anos.

Além de suas fotografias de moda, Irving investia em diversos temas, como por exemplo:

Nus femininos, onde ele buscava retratar "mulheres reais em circunstâncias reais", embora não tenham sido bem recebidos em 1950 quando ele os expôs.

Natureza morta, que era uma de suas maiores paixões na área da fotografia. Ele contava histórias através dessas composições fotográficas que criava e é desafio do observador entendê-las.

Cigarros, nessa parte de sua obra, ele mostrava por belas fotos algo que considerava tão detestável. Em entrevista com o IMS, a curadora Maria Morris Hambourg explica o intuito de Penn: "Era uma contradição. Resolveu fotografar bitucas na intenção de deixar elas lindas e até mesmo sensuais. Tem a ver com a atração dos cigarros que foi uma armadilha para seu pai que faleceu de câncer"

Retratos clássicos, justamente por ser muito conhecido por seus trabalhos na revista, fotografou dezenas de nomes importantes, sendo extremamente rigoroso com um bom retrato.

Maria Morris, durante a entrevista, relatou como era ser o foco de um retrato feito por Irving Penn: "Muitas pessoas diziam que ser fo-



Capas da Vogue com fotos de Irving Penn.



togra ado pelo Penn era igual a ir no consultório de um psicanalista, uma experiência muito intensa. Uma relação de interação entre o fotógrafo e a pessoa que iria ser fotografada.” O outro curador, Jeff L. Rosenheim fala sobre como foi o processo de escolha de quais obras expor: “Nós pudemos olhar milhares de fotos. Um incrível lembrete do trabalho analógico. Ele fazia suas próprias impressões, ele queria que o objeto fosse tão interessante quanto a imagem. Nós pudemos literalmente segurá-las, pegar algumas delas para escolher”.

Contou ainda sobre a experiência de estar na Fundação e conhecer mais ainda o trabalho de Irving: “O que a Fundação estava oferecendo ao MET era uma oportunidade de ver as melhores pinturas sobreviventes do completo trabalho do autor. Eu nunca na vida tinha visto um corpo de trabalho mais magistral em um só lugar”.

Maria comenta que vários fotógrafos do século 20 herdaram a sua prática mas poucos deles tinham a sua visão incrível, porque ele realmente era o padrão ouro do meio.

Com obras estonteantes, a exposição choca até aqueles que já conheciam o trabalho do fotógrafo. A composição é imperdível e todos que tiverem a oportunidade de conferir não devem pensar duas vezes em ir até o IMS.

A exibição acontecerá até dia 18 de novembro de 2018, nas galerias 2 e 3 do Instituto. Está aberto de terça a domingo, inclusive feriados e o horário de funcionamento é das 10h às 20h; quintas, até as 22h.

#### Serviço:

IMS - Avenida Paulista, 2424

CEP 01310-300

Bela Vista - São Paulo

tel: 11 28429120

imspaulista@ims.com.br



Mural com coletânea de fotos presentes na exposição que fazem parte do livro criado a partir dela.

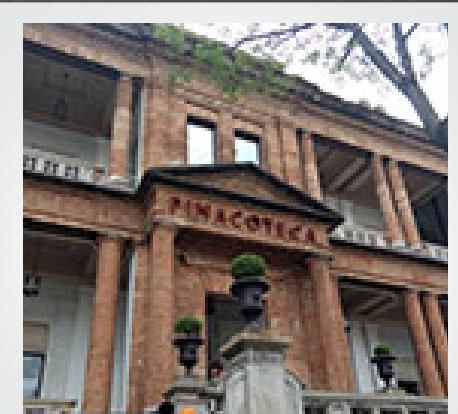


O  
s  
e  
o  
o  
r-  
o  
l-  
e  
s

# Lugares que você não pode deixar de visitar:

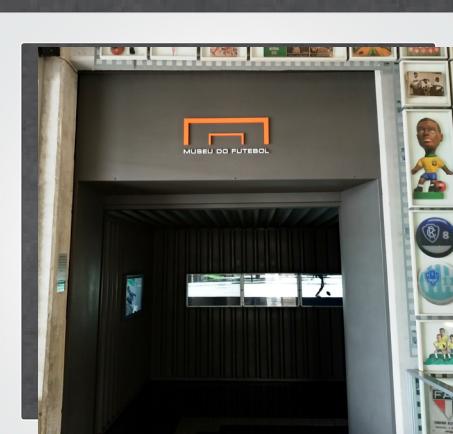
## PINACOTECA

A Pinacoteca de São Paulo é um museu de artes visuais com ênfase na produção brasileira do século XIX até a contemporaneidade.



## MUSEU DO FUTEBOL

O Museu do Futebol tem a missão de investigar, preservar e comunicar o futebol como expressão cultural no Brasil, em diálogo com todos os públicos.



## MASP

O MASP, Museu diverso, inclusivo e plural, tem a missão de estabelecer, de maneira crítica e criativa, diálogos entre passado e presente, culturas e territórios, a partir das artes visuais.



